

Bahia

Eu amo a roça. Meu lugar é aqui

Maria Zélia e Gilmar celebram conquistas construídas com a Agroecologia



Maria Zélia e Gilmar no quintal produtivo da família

Na comunidade de Pitombas, a 30 km da sede de Campo Alegre de Lourdes (BA), a vida de Maria Zélia Barbosa dos Santos, 48 anos, e Gilmar Alcântara dos Santos, 52 anos, é construída na lida diária com a terra, os animais e a família. Gilmar nasceu e se criou na comunidade. Já Maria Zélia veio de Lagoa da Onça há 30 anos, quando constituiu a família ao lado de Gilmar. Juntos, tiveram quatro filhos. Hoje, apenas um deles, o Denilson, mora com os pais. Os outros filhos vivem fora da comunidade.

Entre a roça, o quintal e o cuidado com o filho Denilson, que é uma pessoa com deficiência, o casal segue cultivando alimentos e mantendo viva uma trajetória marcada pelo trabalho coletivo, persistência e apego à vida no campo. “Quando um faz um pouquinho e o outro faz outro pouco, as coisas andam”, afirma Maria Zélia.

A relação da família com a agricultura familiar começou cedo. Sem muitas oportunidades de estudo e emprego, encontraram na terra o sustento da casa. “O que a gente aprendeu foi trabalhar na roça. Na roça, não tem muito dinheiro, mas tem fartura”, conta Gilmar. Com o passar dos anos, eles perceberam que o quintal produtivo trazia um retorno mais rápido do que a própria roça, já que este último exige meses de espera e custos maiores. As hortaliças do quintal garantem renda em poucas semanas. “Com 30 dias a gente já vê o resultado. Já é dinheiro na mão”, explica Maria Zélia.

A caminhada para chegar onde estão não foi fácil. Antes do acesso às tecnologias sociais e de contarem com uma assessoria técnica agroecológica, a água era uma das maiores dificuldades da família. O cultivo acontecia próximo às cacimbas cavadas nos riachos da comunidade. A produção era pequena e dependia do esforço diário para conseguir água. O cercado onde plantavam ficava distante da casa.

Aos poucos, com muito esforço próprio, a família começou a ampliar os espaços produtivos próximos da residência, investindo na construção de barreiro e fortalecendo o quintal agroecológico. O acompanhamento do SASOP contribuiu para ampliar os conhecimentos da família.

“Antes das formações e reuniões, muitas informações não chegavam às comunidades. Hoje a gente sabe o que está acontecendo. O SASOP abriu muitas portas para nós”, afirma o agricultor.



Trabalho compartilhado no quintal



Hortaliças colhida no quintal



Maria Zélia na Feira Agroecológica

A família participou de formações voltadas ao cuidado com os animais, manejo produtivo e também recebeu visitas de intercâmbio de outras famílias agricultoras. As experiências fortaleceram ainda mais o trabalho desenvolvido no quintal.

Atualmente, Maria Zélia e Gilmar produzem milho, feijão, mandioca, batata-doce, mamão, melancia, limão, hortaliças, além de criarem galinhas, porcos, bodes e gado. Parte da produção garante a alimentação da família e outra parte é comercializada na Feira Agroecológica, já consolidada no município. A renda varia de acordo com a quantidade de produtos levados, mas a família destaca que sempre consegue retornar com algum valor importante para complementar a renda da casa. “Desde que começou a feira, a gente está lá todo sábado. Tem feira que a gente faz R\$300, R\$500, R\$600. Já teve sábado de chegar a R\$ 1.000”, comenta Maria Zélia.

Além da Feira Agroecológica, a família também passou a acessar o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), política pública que compra alimentos da agricultura familiar para a alimentação de estudantes. O acesso ao programa aconteceu através do incentivo das organizações parceiras e do fortalecimento da participação da família em espaços coletivos. “A gente nem sabia direito dessas oportunidades. Depois foi entendendo que dava certo e que era uma renda melhor pra família”, diz Gilmar. Com o PNAE, a produção passou a ter mais segurança de comercialização. Hoje, produzem sabendo que existe um destino certo para os alimentos. Para Maria Zélia, a renda do programa ajudou diretamente na melhoria da vida da família. “Ao invés de um salário, ficam dois por mês. Melhorou bastante”, celebra.

Mesmo com os avanços, a rotina da família também é atravessada pelos cuidados com Denilson, filho do casal, que demanda atenção constante. Muitas vezes, eles reconhecem que não conseguem avançar mais na produção ou ampliar algumas atividades por precisarem dividir o tempo entre o trabalho e a atenção com o filho. Ainda assim, seguem organizando a rotina de forma compartilhada, dividindo as tarefas da casa, da produção e do cuidado familiar. “Nem ele fica sozinho no serviço, nem eu fico sozinha”, diz Maria Zélia.

Além da produção, a família também participa da associação de Fundo de Pasto da comunidade, fundada em 1995. Gilmar é um dos sócios fundadores e destaca a importância da organização coletiva para a preservação da Caatinga e do território comunitário. “Nossa Caatinga é rica. Aqui a gente ainda encontra madeira, sombra e alimento pros animais. Isso é uma riqueza nossa”, afirma.

Entre a produção agroecológica, as vendas na feira, o fornecimento para o PNAE e os cuidados com a família, Maria Zélia e Gilmar seguem fazendo da agricultura familiar agroecológica um modo de vida. “Eu amo a roça. Meu lugar é aqui”, celebra Gilmar.



Frutas do quintal